

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

KARINE DA SILVA PEREIRA

GINÁSTICA NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

VITÓRIA - ES

2020

KARINE DA SILVA PEREIRA

GINÁSTICA NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
do Espírito Santo, como requisito parcial
para conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Simone
Lopes de Paiva

VITÓRIA - ES
2020

KARINE DA SILVA PEREIRA

GINÁSTICA NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para conclusão do curso

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Fernanda Simone Lopes de Paiva
(Orientadora)

Profa. Dra. Kezia Rodrigues Nunes
(Banca)

Profa. Dra. Paula Cristina Costa Silva
(Banca)

RESUMO

Este trabalho buscou uma aproximação com o que foi produzido na área de Ginástica no período de 2010 a 2018. A questão norteadora da pesquisa foi conhecer as principais dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física e relatadas nos textos que apresentam experiências de ensino da Ginástica realizadas em escolas. Objetivou-se mapear e analisar estas dificuldades encontradas nos trabalhos que visam o trato com o conteúdo de Ginástica nas escolas. Para chegar ao objetivo proposto foi feito primeiramente um levantamento nos Anais do Fórum de Ginástica Para Todos e foram encontrados 101 trabalhos, posteriormente, reduziu-se este número focando somente nos artigos publicados na Revista Conexões e que versavam sobre o ensino de Ginástica na Escola tendo como critério de seleção dos textos as seguintes temáticas: Educação Física Escolar, Formação de Professores e Ginástica como conteúdo curricular. Selecionados e organizados os textos, foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2011) de modo a identificar unidades de sentido. As principais dificuldades relatadas pelos professores nos textos estudados foram dificuldades em relação à formação inicial, em relação à infraestrutura e materiais, e em relação a resistência dos alunos.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino da Ginástica, Dificuldades.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	5
2- DELINEAMENTO METODOLÓGICO	10
Quadro 1 - Fórum GPT: Temáticas, número de trabalhos, de cursos e de grupos participantes do festival	13
Quadro 2 - Fórum de GPT: ano, trabalhos totais e trabalhos que atendem aos critérios ..	14
Quadro 3 - Fórum GPT: número de trabalhos publicados na Revista Conexões.....	15
Quadro 4 - Revista Conexões: autor(es), artigo e ano.	16
3- ANÁLISE DE CONTEÚDO, UNIDADES DE SENTIDO E ALGUMAS REFLEXÕES:.....	25
3.2 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE O CONTEÚDO GINÁSTICA	28
3.3 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE OS MATERIAIS (IN)DISPONÍVEIS NA ESCOLA	29
3.4 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE AS POSSIBILIDADES DO ENSINO DA GINÁSTICA NA ESCOLA	30
3.5 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS	33
3.5.1. Dificuldades com relação a formação de professores	33
3.5.2. A infraestrutura das escolas em relação às aulas de Educação Física e a questão dos materiais.....	35
3.5.3. O (des) interesse dos alunos com o conteúdo de Ginástica	36
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42

1- INTRODUÇÃO

A escola tem um papel fundamental na vida da comunidade ao seu redor, pois é onde a criança se descobre, começa a ter percepções distintas da que tem em seu convívio familiar. É, afinal, onde ela começa a lidar com novas situações. Além da escola ter um papel social, ela é o ambiente propício para aprender, acrescentar valores e apresentar conhecimentos novos.

Como sabemos, na escola temos disciplinas que enriquecem nossa formação como sujeito. E, para além dessas disciplinas que compõe as aulas regulares, também há a possibilidade de oferta de projetos extracurriculares de música, dança, ginástica, teatro, lutas, entre outros projetos educativos e culturais que desempenham um papel importante para os alunos que deles participam e, também, para a escola.

Ao falar da escola logo me recordo da minha infância. Me lembro de ter participado de projetos oferecidos no ambiente escolar. Inicialmente fiz aulas de dança. Com elas pude conhecer diferentes estilos, tanto os que me eram apresentados no projeto no qual eu participava como aqueles que conheci devido às apresentações que aconteciam. Os Festivais de Dança sempre eram ricos na apresentação de diferentes grupos. Em outros eventos escolares, pude assistir esportes como a ginástica, as lutas e os jogos coletivos, porém, só alguns anos depois, no Ensino Fundamental II, pude vivenciar os jogos coletivos e as lutas, no qual pratiquei em projetos extracurriculares. Na minha experiência como aluna na escola, os projetos extracurriculares sempre foram mais interessantes que as aulas de Educação Física Escolar...

Lembro que foi em um desses eventos que tive o meu primeiro contato com a ginástica. Fiquei encantada com aqueles movimentos apresentados. Comentei com familiares e amigos que gostaria de fazer “aquilo” que as ginastas faziam, e uma prima me ensinou alguns movimentos simples. Até então eu não sabia que aquela prática corporal poderia ser um conteúdo aprendido nas aulas de Educação Física. As aulas se resumiam em correr em volta da quadra, jogar queimada e pular corda...

Se não me foge a memória, comecei a entender melhor sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio. Foi quando passei a estudar em uma escola fora do bairro e alguns colegas me contaram como eram as aulas de Educação Física que tinham tido até então. As aulas com práticas corporais interessantes que eu adorava sempre fizeram parte dos projetos extracurriculares e não ocorriam Educação Física Curricular. Isso era ruim, pois nem todos os alunos tinham acesso a esses projetos. De qualquer forma, foi nesses projetos que tive ótimos professores em relação às atividades que participei, e todos eles eram professores de Educação Física. Essas experiências foram incríveis, e com elas aprendi muito. Foram elas que me fizeram entender o papel do professor e perceber que era isso que eu queria como profissão: gostaria de ensinar a todos (as) os alunos e alunas o que não tive a oportunidade de aprender quando tive aulas de Educação Física na Educação Básica.

Já na Universidade, como professora em formação no curso de Licenciatura em Educação Física do CEFD/UFES, conheci um amplo campo de possibilidade de inserção de diferentes temáticas nas aulas de Educação Física na escola. Experimentei práticas diversas e também como precisamos estudar e criar, nos “virar do avesso” para conseguir levar esse rico universo de conhecimentos para os alunos e alunas nas escolas.

Nesse espaço e tempo de formação, dois conceitos podem ser mencionados como mais significativos nesse processo de se tornar professora de ginástica, onde destaco o conceito de experiência (LARROSA, 2002) e de Ginástica Para Todos (GPT), que atravessam o trabalho.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para construção dessa pesquisa, foi preciso pensar na minha formação como aluna da educação básica, no meu lugar de sujeito na formação inicial e como futura professora na qual almejei. Sendo assim, ao se pensar e refletir sobre o processo de formação e a experiência, Larrosa (2002, p. 21) contribui dizendo que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo

tempo, quase nada nos acontece.” Sendo assim, pude identificar em torno do meu processo de formação, no quanto o conteúdo de ginástica me marcou, e como o mesmo me faz querer investigar aquilo que atravessou o meu desenvolvimento, e como isso me torna um sujeito desse processo de experiência e aprendizagem.

Na minha formação inicial tive a oportunidade de cursar a disciplina de *Conhecimento e Metodologia do Ensino da Ginástica* (CMEG) e também da *Oficina de Docência em Ginástica*. Nessas unidades curriculares foram abordados conhecimentos teóricos sobre as Teorias das Ginásticas (Ginástica Francesa, Ginástica Alemã e as escolas de Ginástica Sueca e Dinamarquesa).

Assim como foram abordadas Ginásticas contemporâneas, reguladas (Ginástica Geral/ Ginástica Para Todos, Ginástica Artística feminina e masculina, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Ginástica Aeróbica e a Ginástica Acrobática) e não reguladas (O parkour, a Ginástica Calistênica, a Ginástica Rítmica masculina, entre outras) pela Federação Internacional de Ginástica. Além disso, fizemos uma incursão na prática docente assim como vivenciei ginásticas que eu nem imaginei que existiam. Conheci as famílias gímnicas e as diferentes formas de tematizar a Ginástica, tanto nas modalidades individuais/coletivas, quanto as esportivas e a Ginástica Geral (GG), hoje denominada Ginástica Para Todos (GPT).

Todos os alunos e alunas se envolveram no aprendizado dessas práticas e puderam vivenciar movimentos variados da ginástica e aproveitar as aulas para aprender a dar aulas. Além da rica experiência nas aulas vivenciadas da Oficina de Docência, em CMEG tivemos algumas aulas expositivas e práticas para a turma. Essas aulas práticas tinham um duplo sentido e objetivo: eram práticas de docência porque planejamos, analisamos e avaliamos a construção das aulas pelos colegas de turno, assim como também podíamos delas participar corporalmente, o que ampliava o nosso repertório de experiências. Essas aulas experimentais eram planejadas e ministradas por duplas e trios de alunos e alunas.

Nelas se desenvolvia a temática proposta pela professora tendo como base os conhecimentos sobre as famílias de exercitação. O conteúdo de CMEG partiu do

conhecimento baseado na Ginástica tradicional (Teorias da Ginástica). Nas modificações que foram ocorrendo nas ginásticas, até chegar nas ginásticas contemporâneas, isso sem perder de vista como trabalhar com essas ginásticas na escola.

Em busca de enriquecer minha formação, também participei de alguns projetos de extensão na universidade, dentre eles me destaquei na dança com a Cia de Dança Andora¹ e na ginástica com o Núcleo de Pesquisa em Ginástica (NPG). Diante dessas experiências, procurei por estágios na área da ginástica para aprimorar meus conhecimentos e poder ensinar o que estava aprendendo, quando finalmente consegui, houve conflito de horário e foi preciso abrir mão do NPG para estagiar.

Iniciei o estágio na SPORT LIFE, uma escolinha de iniciação ao esporte, na qual trabalhei na modalidade de Ginástica Rítmica (GR). Brevemente inserida nesse mundo da ginástica, passei a perceber a importância da ginástica na minha formação pessoal e a refletir sobre as oportunidades que tive de inserção nessa prática e até onde gostaria de chegar com ela. Devido a isso, fiz e ainda faço alguns cursos para aprimorar o conhecimento na área, e manter-se sempre atualizada para suprir com as demandas atuais.

Com base nessas experiências, início uma reflexão em relação a definição da palavra experiência, onde Heidegger citado por Larrosa (2002, p. 25) explica:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

¹ Para mais informações, conferir: <https://grupoandora.wordpress.com/>
<https://www.instagram.com/grupoandora/>
<https://www.facebook.com/ciadedancaandora/>

Sendo assim, pus em xeque as minhas experiências de infância. Me perguntei por que não tive oportunidade de conhecer as ginásticas nas aulas de educação física curricular. Considerei importante identificar quais as dificuldades que são encontradas pelos professores que trabalham com a ginástica na escola, e, como trabalho de conclusão de curso optei, por estudar este tema.

Para tanto, a opção nesse TCC foi conhecer o que tem sido produzido a respeito da ginástica na escola, e elegi o Fórum de Ginástica Para Todos por ser um evento de grande expressividade e contribuição no tema eleito para essa investigação.

1.2 OBJETIVOS E ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Essa pesquisa foi desenvolvida considerando os objetivos a seguir.

Objetivo geral: Conhecer o que tem sido produzido em artigos científicos a respeito da ginástica como conteúdo para a educação física escolar.

Objetivos específicos: a) mapear os trabalhos do Fórum de Ginástica Para Todos que tratam da ginástica na Educação Física escolar;

b) analisar e sistematizar os desafios e possibilidades do ensino da ginástica na educação física escolar;

c) indicar questões para ampliar o debate da ginástica nas aulas de Educação Física;

Esses objetivos foram orientadores dos próximos três capítulos. No Capítulo 2, que dialoga com o primeiro objetivo específico, abordei o referencial metodológico e a opção pela pesquisa e o mapeamento [...] No Capítulo 3, que dialoga com o segundo objetivo específico, tratei da análise e sistematização dos dados coletados [...]. No capítulo 4, realizei os comentários sínteses e as problematizações que ampliam o debate na minha formação.

2- DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Esse capítulo dialoga com o primeiro objetivo específico anunciado, e busca mapear os trabalhos do Fórum de Ginástica Para Todos que tratam da ginástica na educação física escolar.

Para tanto, realizei uma pesquisa de caráter bibliográfico e descritivo. De acordo com Gil (2002), as pesquisas descritivas habitualmente são realizadas por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. “São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos, etc.” (GIL, 2002, p.42) pois delineiam o quadro de uma determinada temática.

Os trabalhos selecionados foram atentamente observados e estudados para captar e compreender o trabalho que os professores vêm desempenhando dentro das escolas, trazendo principalmente as problemáticas enfrentadas em relação ao conteúdo de ginástica. Para tanto, me propus a explorar esses dados utilizando da abordagem de cunho qualitativo e o uso da técnica de análise de conteúdo como aquela que permite a organização e redução das informações de modo a construir unidades de sentido. Bardin (2011, p. 47) conceitua essa técnica como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011, p. 47). Ainda segundo este autor, a análise de conteúdo é composta por três fases, a saber: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferências e interpretações).

A primeira envolve o primeiro contato com os documentos/fontes para escolher/selecionar quais se adequam aos propósitos investigados. Foi dentro dessa perspectiva que examinei o conjunto de textos dos anais do Fórum e construí os critérios para seleção dos textos que interessavam à pesquisa. Já na fase de exploração do material, li e me aproprie dos estudos desenvolvidos, buscando compreender o que estes estudos apresentavam como especificidade do contexto em que foram realizadas. Além do resumo dos textos, construí esboços de mapas de leitura, mapeando os assuntos gerais tratados na exposição das experiências de Ginástica desenvolvidas na escola e retratadas nos textos. Foi esse detalhamento que, por fim, permitiu localizar o que esses textos apontam como dificuldades

encontradas no trato da Ginástica na escola, como recortes do texto em “unidades comparáveis de categorização para análise temática” (BARDIN, 2011, p. 100), no caso relacionada às dificuldades pontuadas nos textos analisados.

2.1 MAPEAMENTO DOS TRABALHOS

É importante dizer que, num primeiro momento, busquei fontes que enfatizem a ginástica na escola. Encontrei diversas teses, dissertações e trabalhos apresentados em congressos. Entre esses trabalhos apresentados, chamou-me atenção o fato de muitos deles terem sido apresentados em diferentes edições de um mesmo evento. Achei interessante o fato de ser realizado no Brasil (um país sem grande tradição na Ginástica) um evento especificamente voltado para o tema da Ginástica Geral/Ginástica para Todos, já com alguns bons anos de estrada. Dessa forma, a especificidade e a temporalidade do evento foram primordiais para eleger como fonte os anais do Fórum Internacional de Ginástica Para Todos (doravante apenas chamado de Fórum GPT).

Observei que, além de ser uma referência na área da ginástica, o Fórum GPT oferece um ambiente vasto de possibilidades para o conhecimento em Ginástica e vem se destacando como um fértil espaço de troca, experiências e aprendizagem, principalmente no âmbito acadêmico acerca da GPT.

Os documentos analisados nesse estudo foram os anais do Fórum GPT das últimas cinco edições, entre os anos de 2010 a 2018. A escolha desse material de estudos se deu em virtude da grandiosidade desse evento, no qual os conteúdos abordados são todos voltados para o trato da ginástica. Os anais servem como um repositório no qual os trabalhos contemplam a temática da ginástica em vários aspectos. Dessa forma, mostrou-se ser um lugar rico para o estudo e uma fonte cheia de informações do que aconteceu e vem acontecendo no campo da Ginástica, pois reúnem trabalhos de vários estudiosos e amantes da ginástica. Sendo circunscrita a riqueza desse material, além de me engrandecer como aluna e futura professora, pareceu-me pertinente e adequado tomar os anais como fonte de estudo, de modo a colher elementos para

identificar as dificuldades encontradas por esses professores no ensino da ginástica na escola.

Percorrendo os anais e outras informações disponíveis no site oficial do Fórum GPT (<https://www.forumgpt.com/2020/>) pude identificar que este Fórum é um evento que a cada edição vem ganhando mais admiração e visibilidade pelas pessoas que de alguma forma conhecem ou tem vontade de conhecer a Ginástica.

Inicialmente, ele foi idealizado por um grupo de professores e pesquisadores da área da ginástica que se inspiraram em eventos de ginástica que ocorriam em outros países e buscaram desenvolver esta eventualidade no Brasil também. Com isso, acreditavam estar colaborando para levar esse conhecimento para outros professores, treinadores, historiadores e atletas, entre outros sujeitos que tenham vínculo e curiosidade em conhecer um pouco mais sobre a Ginástica. Segundo informações constantes no site oficial,

Este evento teve seu início no ano de 2001, como um projeto de abrangência internacional entre a **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, por meio do Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG) e do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), e o Serviço Social do Comércio (Sesc SP) motivado pelo sucesso alcançado na realização do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, em 1999.

A partir de 2001, o apoio da **Internacional Sport and Culture Association (ISCA)** veio consolidar a participação de grupos, palestrantes e congressistas de vários países, colaborando para o reconhecimento da comunidade internacional e tornando o Fórum um evento de referência na área da Ginástica.

Desde seu início, o Fórum GPT ocorre a cada dois anos ²e, desde então, vem oferecendo uma programação diversificada que contempla três eixos, o saber, a área científica, a área pedagógica e a área artística, a fim de propiciar a compreensão e o desenvolvimento da ginástica. A cada edição, surge uma temática diferente para nortear a programação e manter a discussão de forma orientada, assim, podendo analisar as demandas atuais e discuti-las.

O Fórum GPT conta com a participação de grupos nacionais e internacionais para as apresentações e interações no evento. Além disso, nele são ofertados cursos com tempo estimado de duração, isso se deve ao melhor aproveitamento do evento, para

² Neste ano de 2020 estava programada mais uma edição do Fórum GPT, que foi suspensa em função da Pandemia de Covid-19.

que possa estudar, vivenciar e aproveitar. Esses cursos contam com professores e cursistas de nível tanto nacional, quanto internacional. Segundo informações disponíveis no site, é importante lembrar que os cursos oferecem uma linguagem e uma didática agradável para os estudantes e cursistas, o conteúdo é de fácil compreensão e em sua maioria as experiências são coletivas, em um ambiente harmonioso e repleto de aprendizagem.

No Quadro apresento informações que nos dão um panorama do evento:

Quadro 1 - Fórum GPT: Temáticas, número de trabalhos, de cursos e de grupos participantes do festival

ANO	TEMA	TRABALHOS CIENTÍFICOS	CURSOS OFERECIDOS	GRUPOS NOS FESTIVAIS
2001	Ginástica Geral: da formação profissional ao mercado de trabalho	33	12	20
2003	O Mundo da Ginástica Geral na Ginástica Geral do Mundo	44	22	45
2005	Direitos do Corpo	45	35	56
2007	Ginástica Geral: identidade e práticas coletivas	77	24	68
2010	Cultura da Ginástica: concepções e práticas	81	24	55
2012	Esporte para Todos: dimensões da formação em ginástica	94	24	47
2014	Ginástica: movendo pessoas, construindo cidadania	83	33	56
2016	Ginástica para Todos: conectando diferenças	87	22	51
2018	Ginástica em Rede, Possibilidades para Todos	121	25	55

FONTE: Elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados no site oficial do Fórum GPT (<https://www.forumgpt.com/2020/>)

O Quadro 1 indica um aumento significativo no número de trabalhos com o passar dos anos. Considerando-se o tempo disponível para a realização dessa pesquisa e o fato de ser a minha primeira incursão no tema e na empreitada de realizar uma pesquisa bibliográfica, optei por concentrar a investigação no interstício de 2010 a 2018 já que, ainda assim ficaria com um número significativo de trabalhos para analisar. Fiz um levantamento preliminar e busquei me situar, de modo geral nas temáticas tratadas, assim como aproveitei essa primeira aproximação com as fontes para estabelecer critérios que me levariam aos textos e que me ajudariam a identificar as principais dificuldades encontradas pelos pesquisadores ao trabalhar com a Ginástica na escola.

O mapeamento dos Anais do Fórum Internacional GPT neste período indica o quantitativo total de trabalhos apresentados assim como a identificação numérica dos trabalhos científicos que atenderam ao critério de investigação estabelecido para esta pesquisa. Após esse mapeamento foi feita uma seleção de trabalhos apresentados em forma pôsteres que atendessem aos critérios que foram essenciais para centralizar o objetivo da pesquisa. Essa identificação/seleção foi feita por meio da leitura dos títulos e resumos dos trabalhos que contemplam as temáticas: educação física escolar, ginástica como conteúdo curricular e formação de professores.

No Quadro 2 abaixo, apresento a quantidade de trabalhos científicos apresentados em forma de pôsteres e a quantidade de trabalhos que atendem aos critérios estabelecidos para essa pesquisa:

Quadro 2 - Fórum de GPT: ano, trabalhos totais e trabalhos que atendem aos critérios

Ano	Nº de trabalhos científicos	Nº de trabalhos que atendem aos critérios estabelecidos	Porcentagem (\cong)
2010	56	19	\cong 34%
2012	78	28	\cong 36%
2014	67	17	\cong 25%
2016	77	15	\cong 19%
2018	121	22	\cong 18%
Total:	399	101	\cong 25%

FONTE: Elaborado pela autora com base nos anais do fórum GPT (<https://www.forumgpt.com/2020/>)

Com isso, constatei que durante essas cinco edições foram aproximadamente 25% dos trabalhos voltados para as temáticas: educação física escolar, ginástica como conteúdo curricular e formação de professores, também sendo observado que o ano de 2012 obteve o maior êxito de trabalhos apresentados conforme as temáticas citadas.

Uma vez realizado esse levantamento preliminar de dados, foi feito um segundo mapeamento com os 101 trabalhos que atenderam aos critérios estabelecidos, dentre eles analisamos os trabalhos que foram selecionados para publicação na Revista Conexões, já que essa revista mantém uma parceria com o Fórum Internacional GPT e, para ela, são designados trabalhos para publicação em uma edição especial.

Abaixo, no Quadro 3 informo a quantidade de trabalhos publicados na revista conexões:

Quadro 3 - Fórum GPT: número de trabalhos publicados na Revista Conexões

Ano	Nº de trabalhos	Trabalhos publicados na revista conexões
2010	19	-
2012	28	2
2014	17	4
2016	15	1
2018	22	1
Total:	101	8

FONTE: Elaborado pela autora com base nas edições publicadas e disponibilizadas no site da revista conexões (<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/issue/archive>)

Como já observado e considerando a dimensão que foi tomando este evento, houve uma crescente quantidade de trabalhos que foram submetidos e aceitos para apresentação no Fórum. Por este motivo, ocorreu uma nova formatação nos Anais nesses últimos dez anos. Sendo assim, nos anos de 2010 á 2014 os Anais oferecem textos completos, sendo o conteúdo das pesquisas de fácil acesso para análises e estudos. A partir do ano de 2016, os Anais passam publicar resumos e resumos expandidos. Considerei que esses resumos eram insuficientes para avaliar e ver a problemática sobre a qual eu me debruçava, já que a leitura preliminar dos textos sinalizava que eu só poderia identificar e compreender as dificuldades encontradas

pelos professores de forma indiciária. Entretanto, em virtude da Revista Conexões selecionar alguns trabalhos para publicação, nela também foi feita uma busca pelos trabalhos que se inserem nos critérios adotados.

Dessa forma, conforme fui me apropriando da metodologia, e tendo em vista a exiguidade do tempo, impôs-se nova necessidade de adequar o interstício investigado. Nesse sentido, a opção foi concentrar a análise apenas nos textos que foram publicados na Revista Conexões, sendo então desprezados os 101 textos que por estar em forma de resumos e resumo expandido, seria insuficiente para alcançar o objetivo da pesquisa. A análise de conteúdos concentrou-se, então, nos 8 textos publicados na Revista Conexões, entre os anos de 2010 a 2018 que atendiam aos critérios estabelecidos para seleção deste trabalho.

2.2 APRESENTAÇÃO GERAL DOS TEXTOS

No Quadro 4 abaixo, dos trabalhos selecionados para a análise, dois foram dos anos de 2012, quatro foram do ano de 2014, um do ano de 2016 e o último do ano de 2018, totalizando oito trabalhos científicos como podemos observar na tabela abaixo:

Quadro 4 - Revista Conexões: autor(es), artigo e ano.

Nº	AUTOR	TÍTULO TRABALHO	ANO
1	Leonardo Rocha Da Gama	Ginástica e ética na escola: apontamentos para compreender a convivência humana	2012
2	Roseane Soares Almeida; Celi Nelza ZülkeTaffarel; Micheli Ortega Escobar; Cristina Souza Paraiso; Amália Catharina Santos Cruz; Alexandre Francisco Lordello; Ana Rita Lorenzini; Roseane Cruz Freire Rodrigues; Quênia Rebouças dos Santos; Fábio Rigaud.	A teoria geral da ginástica, o trabalho pedagógico, a formação dos professores e as políticas públicas no campo da ginástica: contribuições da pesquisa matricial do grupo LEPEL/FACED/UFBA	2012

3	Andreia Cristina Peixoto Ferreira; Rúbia Cristina Duarte Garcia Dias; Bruna Kely da Silva Pereira; Ana Claudia Martins, José Francisco Silva Sampaio; Lilian Pereira dos Santos; Leandro Kenner Rodrigues de Carvalho; Michele Christine Borges; Michele Gley de Freitas Monteiro; Tereza Radhakrisna Steil; Paulo Maciel Cordeiro Martins;	A ginástica geral na intervenção do PIBID de educação física numa perspectiva de formação cultural e inclusão social	2015
4	Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima; Marina Aggio Murbach; Paulo Roveri de Afonso; Patrícia Gracioli dos Santos; Laurita Marconi Schiavon;	A ginástica geral no ensino fundamental na cidade de Rio Claro/SP: a perspectiva dos alunos	2015
5	Juliana Pizani; Martina Ardengue de Araújo; Caroline Braguim; Ieda Parra Barbosa-Rinaldi; Marcia Regina Aversani Lourenço;	As disciplinas gímnicas nos cursos de licenciatura em educação física do estado do Paraná	2015
6	Flávio Zaghi; Regina Maria Rovigati Simões; Michele Viviene Carbinatto;	Ginástica e exame nacional do ensino médio	2015
7	Andrize Ramires Costa; Céres Cemírames de Carvalho Macías; Carmen Lilia da Cunha Faro; Lucília Mattos;	Ginástica na escola: por onde ela anda professor?	2016
8	Thyago Thacyano de Souza dos Santos; Juliana Nogueira Pontes Nobre; Claudia Mara Niquini; Priscila Lopes;	A ginástica para todos nas aulas de educação física: um estudo de caso	2018

FONTE: Elaborado pela autora com base nas edições publicadas e disponibilizadas no site da revista conexões (<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/issue/archive>)

O primeiro texto estudado, *Ginástica e Ética na Escola: apontamentos para compreender a convivência humana* (GAMA, 2012), aborda o conteúdo da GG como uma aposta ética para a formação humana, onde os valores de formação humana tecem e constituem a ética do grupo. Segundo Gama (2012, p.12):

[...] a ginástica geral ao ser inserida no universo escolar, apresenta-se não só na sua dimensão gestual, mas principalmente, no seu conteúdo ético e político. É esse conteúdo que manifesta a possibilidade de uma ação pedagógica humanizadora, ideia à qual defendemos. Destacamos que a referência da ginástica geral em si não constitui as dimensões ética e sociopolítica da prática, mas sim as referências da própria prática pedagógica, que é viva, por envolver além do gestual codificado, pessoas interagindo num espaço comum a partir de um objeto de desejo, também comum.

Sendo assim, para além da Ginástica Geral de forma prática, trabalha-se principalmente na dimensão atitudinal, onde compreende os valores e atitudes que devem ser ensinados como: princípios éticos na prática educativa, esportiva, lúdica e coletiva, dessa forma, ocorrendo a interação dos alunos num espaço comum a partir de um objeto também comum a eles. Portanto o autor afirma que “a GG é uma atividade que parte de valores humanos comuns e que precisam ser preservados para a manutenção da própria identidade da atividade” (GAMA, 2012, p.12)

Em um próximo momento, foi analisado o texto: *A Teoria Geral da Ginástica, o Trabalho Pedagógico, a Formação dos Professores e as Políticas Públicas no Campo da Ginástica: contribuições da pesquisa matricial do grupo LEPEL/FACED/UFBA* (ALMEIDA, 2012) no qual, investiga o currículo da formação de professores.

No currículo de formação do professor de Educação Física, segundo os autores do texto, dizem que [...] “ainda predomina a Ginástica na sua forma esportivizada: Ginástica Rítmica Desportiva, terapêutica, Ginástica Postural, Ginástica especial, Ginástica escolar e uma disciplina Ginástica para o trato de seu histórico e fundamentos.” (ALMEIDA, 2012, p. 107). Esses dados referem-se a análise do currículo da UFBA no período de 2001 a 2005, ano do desenvolvimento da pesquisa de campo. Dessa forma, Almeida, citado por Almeida et al (2012, p. 107) “identifica o conhecimento da Ginástica tratado de forma fragmentada e alienado, onde a técnica subsume o caráter social e político da atividade social.”

Com isso, foi possível perceber que existe uma crítica em relação em como a ginástica vem sendo tratada, segundo as pesquisas realizada neste trabalho científico, a mesma afirma que a ginástica no currículo da formação de professores precariza e aliena o conhecimento, onde inviabiliza o desenvolvimento e a ampliação das vertentes da ginástica, e isso, conseqüentemente se reflete no trato pedagógico do professor e da escola. (ALMEIDA et al., 2012)

Este trabalho também traz alguns dados que foram disponibilizados nos estudos do SUDEB citado por Almeida et al (2012, p.109):

“A Rede Pública Estadual da Bahia é constituída por 1.943 unidades escolares. Destas 721 possuem quadras. Destas 672 são descobertas e somente 49 são cobertas. 1.222 escolas não possuem quadras. Ao todo são 2.333 professores da disciplina Educação Física. Destes 1.223 com formação específica na área. 12 com formação em outras áreas e 1.098 sem formação acadêmica. Frente a estes dados temos nos perguntado pelas determinações sociais e pedagógicas que explicam o fato do conhecimento da Ginástica está sendo excluído da escola no atual contexto?”

Sendo assim, percebe-se que a educação precisa de mais atenção, os ambientes destinados para o ensino-aprendizagem dos alunos precisam ser vistos e revistos, a formação acadêmica é um dos fatores mais enfatizados pela inexperiência, por não saber direcionar e refletir sobre os conteúdos, e esses dados mostram a importância de se investir em cursos de formação inicial e continuada, até mesmo para orientar este profissional que está atuando na escola, mas que não tem formação para tal.

Contudo, neste estudo, procurou investigar e reconhecer as problemáticas construídas ao longo da humanidade acerca da ginástica, tanto os impactos que isso ocasiona, quanto as demandas necessárias para chegar às conclusões obtidas. Dessa forma, o estudo fez uma análise de conteúdo dos diários de campo, fotos, vídeos, filme e análise da entrevista dos professores e alunos para alcançar esses objetivos, com isso, percebeu-se alguns impasses da formação, onde averiguou-se os motivos pelo qual a ginástica anda sendo esquecida do contexto escolar.

O texto seguinte que analisei foi A Ginástica Geral na Intervenção do PIBID de Educação Física Numa Perspectiva de Formação Cultural e Inclusão Social (FERREIRA, 2015). O PIBID é um programa que integra alunos da instituição

de ensino superior e da escola pública, proporcionando aos graduandos e professores desenvolver e participar de experiências metodológicas, onde os professores regentes da escola possam se atualizar com os estudantes e os estudantes aprenderem na prática como ser/fazer o papel do professor e como lidar com o corpo pedagógico da escola, atuando como voz ativa dentro da escola, agregando experiências e principalmente identificando as problemáticas que cercam o contexto escolar.

Ao longo do trabalho, os autores chamam a atenção para alguns pontos significativos, dentre eles abordam: a relação das aulas de educação física que não devem negar a vivência da GG, pois muitos alunos se sentem intimidados a fazer a aula por receio de experiências passadas, na qual a aula de ginástica se resumia em praticar exercícios físicos objetivando o treinamento corporal, no qual a criança deixa de ser o sujeito e passa a ser tratada como objeto e reproduz o que lhe é dito, dessa forma negando toda a autenticidade e autonomia do mesmo.

Sendo assim, ao relatar sobre a experiência de se trabalhar com o conteúdo de ginástica nessa escola foi possível perceber muita bagagem para esse trabalho, como são duplas e/ou grupos que ministram as aulas no projeto PIBID, tem-se uma sistematização por trás dessas experiências, isso se deve ao ato de planejar, no qual foi tido de forma coletiva, como descrito no trabalho, compartilhando, livros, filmes, música, materiais, entre outros elementos que se enquadram nos recursos pedagógicos, que foi disponibilizado pelos próprios discentes. Dessa forma, possibilitam diferentes experiências, cada dupla/grupo de acordo com suas turmas de séries distintas, na qual cada utilizou da melhor estratégia para conduzir sua turma. No geral, a maioria dos grupos conseguiram concluir parcialmente seus objetivos, porém houve alguns empecilhos no decorrer da sequência didática que impediu o cumprimento total dos objetivos propostos.

Por ser um trabalho mais extenso, por conta da experiência de cada turma trabalhada, também se teve o contato com turmas da educação infantil, no qual propuseram a temática “maravilhoso mundo da educação”. O propósito desse grupo foi buscar elementos que contemplassem o conteúdo de dança e ginástica através de uma visão lúdica, com intervenção no campo da humanização e do respeito, com essa base cultural. Para isso, utilizou-se de eixos temáticos para tratar os conteúdos da cultura

corporal de movimento. Dessa forma, ensinando a Ginástica Geral com os personagens do sítio do Pica Pau Amarelo, possibilitando uma série de ideias e imaginação ao aluno, chamando a atenção dele para aprender brincando.

O próximo trabalho analisado, refere-se a um artigo com a temática: A Ginástica Geral no Ensino Fundamental na Cidade de Rio Claro/SP: a perspectiva dos alunos (LIMA et al., 2015), que em sua metodologia busca conhecer e analisar a percepção dos escolares sobre as aulas de Ginástica Geral desenvolvida por um projeto que ocorre nas aulas de Educação Física, onde é ministrada por 2 Graduandos da Universidade Estadual Paulista. Esse texto aborda informações que falam sobre os documentos oficiais que regem o conteúdo de ginástica na escola. Baseado nos documentos oficiais, observou-se na prática que há pouca representatividade nas aulas de educação física, e que infelizmente esse fator tem a ver com a falta de conhecimento do profissional, com a falta de materiais das escolas e com o método de ensino inadequado. Pois, mesmo quando a ginástica se encontra presente no meio escolar, ela não é tratada com o aporte pedagógico necessário.

A proposta pedagógica feita nessa instituição parte da seguinte temática: “aprender brincando”, um ensino lúdico e repleto de imaginação e cores, no qual chama a atenção dos alunos para que se interessem pelo conteúdo. Essa proposta foi um dos elementos utilizados para a prática pedagógica, uma outra possibilidade de ensino que também foi adotada, é uma metodologia que foi desenvolvida nas aulas de um projeto de extensão de Ginástica na Faculdade de Educação Física–UNICAMP, essa metodologia “[...] posteriormente foi embasada teoricamente por Velardi, que encontrou em Vygotsky a sustentação teórica para essa trajetória metodológica e se tornou um método de ensino em Educação Física” (LIMA et al, 2014, p. 30)

O método adotado pelos professores desse projeto caracteriza-se em por 3 momentos, sendo eles:

“1. Exploração de movimentos corporais de acordo com tema proposto e descoberta de determinados materiais; 2. Pistas fornecidas pelos professores que possam sugerir diferentes formas de movimento; 3. Momento de interferência do professor que se dá para que o objetivo seja atingido e todas as formas de movimento pretendidas sejam contempladas, caso não tenham sido nos momentos anteriores.” (LIMA et al, 2015, p. 31)

Seguindo a mesma linha de pensamento, Ayoub citada por Lima et al (2015, p.31)

Destaca que

[...] essas três fases tem por objetivo estimular a liberdade de expressão, a descoberta de novas possibilidades de ação, e a exploração, favorecendo o desenvolvimento da criatividade e a possibilidade de um intercâmbio de experiências entre os participantes do processo educativo.

Essas e outras possibilidades que o aluno é estimulado a criar e reinventar novos movimentos é de grande valia para o desenvolvimento do aluno, pois o mesmo acaba rompendo com a padronização de gestos, e ficando à mercê da experimentação de movimentos. Posteriormente neste trabalho, foi feito uma pesquisa com os alunos, e eles responderam de acordo com a opinião deles em relação às aulas que tiveram. Dessa forma, para a coleta dos dados os professores utilizaram um questionário padronizado com lista de temas e conteúdo da Ginástica, em escala tipo Likert com as opções: “Nunca pratiquei”, “Gosto muito”, “Gosto”, “Tanto faz”, “Não gosto”, “Detesto” e espaço para escrita. (LIMA et al, 2015)

Outro trabalho analisado foi: As Disciplinas Gímnicas nos Cursos de Licenciatura em Educação Física do Estado do Paraná (PIZANI, 2015). Esse trabalho também registra que, de acordo com Schiavon e Nista- Piccolo citado por Pizani et al (2015, p. 72), “os conteúdos trabalhados no ensino superior ainda não concretizam o trato com a ginástica no ambiente escolar, pois muitas vezes não abordam a ginástica sob um olhar pedagógico, que valoriza o ato de ensinar.” (PIZANI et al, 2014, p.72)

Neste trabalho abordam muito a questão de quais conhecimentos que deveriam ser trabalhados na formação inicial, pois tais conhecimentos que vão servir de base para desenvolver e adaptar de acordo com as necessidades encontradas na escola para o ensino-aprendizagem dos alunos.

De acordo com os dados constatados neste trabalho, as disciplinas relacionadas às manifestações gímnicas são as mesmas desde a Primeira Escola de Ensino Superior de Educação Física do Brasil, sendo assim, acredita-se na necessidade de atualização das temáticas que compõem essas disciplinas, pois a ginástica foi sendo ressignificada e as questões inseridas não se sustentam mais. Portanto, visam a

urgência de se repensar a formação docente e atualizar o trato pedagógico da ginástica na escola. (PIZANI, 2015)

Outro texto analisado foi Ginástica e Exame Nacional do Ensino Médio (ZAGHI et al., 2015), o trabalho objetiva averiguar se as questões do ENEM abordam o conteúdo de ginástica e como esse conteúdo é colocado, se a discussão acerca dele é condizente com os conteúdos desenvolvidos na educação básica.

Visto que o ENEM é um exame obrigatório para entrada nas universidades brasileiras, sejam elas públicas ou privadas, a seleção dos conteúdos a serem abordados nesta prova precisam ser tematizados nas escolas. Entretanto, observam os autores que

Apesar da íntima ligação existente entre a ginástica e a EF, no âmbito escolar observamos que este tema perdeu espaço para as modalidades esportivas coletivas, e, raramente o professor ministra aulas cujo conteúdo está embasado nas especificidades da ginástica. (ZAGHI et al, 2015, p. 117)

E, em relação ao ENEM, foi observado que as questões não abordam a ginástica em sua totalidade enquanto modalidade esportiva e nem suas ramificações enquanto manifestação e identidade de uma cultura, o foco das questões se deu na ginástica enquanto sinônimo de exercício físico e educação física. Também não observaram qualquer questão com uma abordagem mais técnica na qual a ginástica seja vista em suas diferentes manifestações como esportivas, de academia, entre outras. Os autores acreditam que “o ENEM possa motivar e orientar professores da educação básica a ampliar e diversificar os conteúdos na EF escolar.” (ZAGHI et al, 2015, p.123). No entanto, afirmam que é raro o professor ministrar aulas cujo conteúdo seja baseado nas especificidades da ginástica.

O penúltimo trabalho averiguado foi Ginástica na Escola: por onde ela anda professor? (COSTA et al, 2016). Esse trabalho também traz como abordagem histórica a ginástica como uma prática corporal que inicialmente foi sinônimo de educação física e posteriormente foi considerada como um dos conteúdos dessa disciplina e hoje, o trabalho relata que a mesma está ausente nas escolas. Sendo assim, este trabalho buscou elementos teóricos metodológicos que justifiquem a ginástica no contexto escolar, bem como identificar porque esta vem sendo esquecida como conteúdo pedagógico na escola.

Os autores identificam que um pensamento ainda presente nos dias atuais é que as aulas de Educação Física são um momento de distração e passatempo para os alunos, podendo até se confundir com o recreio. No entanto, a educação física tem função formadora e promove uma aprendizagem significativa na qual permite que o aluno se aproprie de conhecimentos que ele vai levar por toda sua formação.

Outro ponto que os autores destacam diz respeito ao planejamento da disciplina de educação física, comumente relatada como repetitiva em relação ao planejamento anual. Ou seja, não há variação de temáticas e de modalidades, tornando as práticas rotineiras, que não impõe desafios aos alunos, e muitas vezes também não atende às suas necessidades. Segundo os autores,

O ato de planejar muitas vezes é determinado por uma simples cópia do planejamento do ano anterior, sem ao menos, utilizar-se de uma literatura específica. É fundamental que os professores explorem a origem de cada conteúdo a ser aplicada nas aulas de Educação Física Escolar, determinando o seu valor educativo para os fins curriculares. (COSTA et al, 2016, p. 80)

Outro ponto colocado neste trabalho é em relação a formação inicial e a formação continuada, também apresentada nos demais trabalhos como uma justificativa para negar algum conteúdo pedagógico, nesse caso, a ginástica. Percebeu-se com a leitura deste texto que é necessário que os professores de educação física se mantenham atualizados e possam ter uma preparação efetiva para proporcionar aos alunos um desenvolvimento repleto de diferentes vivências, na qual também viabilize uma reflexão acerca do conteúdo ministrado.

“Diante do exposto, vimos na Ginástica, independentemente da modalidade, uma prática diversificada, lúdica, desafiadora e segura. Capacitada para desenvolver integralmente as crianças e jovens, promovendo não apenas, à aprendizagem de habilidades específicas; mas uma manifestação da cultura corporal, que proporciona inserção social, criatividade, prazer pelo movimento e permiti-lhes de forma crítica intervir no seu bem-estar.” (COSTA et al, 2016, p. 80)

O último texto analisado foi: A Ginástica Para Todos nas Aulas de Educação Física: um estudo de caso (SANTOS et al, 2018). Este estudo mostra como a ginástica se materializou como conteúdo da educação física. Trata-se de um estudo com análise documental que teve como fonte os diários de aula. Os autores verificaram a repetição

significativa dos conteúdos, sendo o mesmo planejamento e conteúdos trabalhados todos os anos da mesma forma. Observam que essa repetição consolida a falta de progressão dos alunos no decorrer dos anos, conteúdos abordados nos moldes esportivizados, onde o professor se atém aos esportes tradicionais em nosso país ou, ainda, entrega a bola aos alunos e se exime do ato de educar.

3- ANÁLISE DE CONTEÚDO, UNIDADES DE SENTIDO E ALGUMAS REFLEXÕES:

Esse capítulo dialoga com o segundo objetivo específico, na intenção de analisar e sistematizar os desafios e possibilidades do ensino da ginástica na educação física escolar.

Como os textos falavam de experiências diversas versando sobre a temática da Ginástica na escola, uma leitura flutuante desses textos permitiu objetivar as unidades comparáveis de categorização para análise temática: metodologia, conteúdo, materiais utilizados, sobre as possibilidades e sobre as dificuldades encontradas. Sobre cada uma dessas unidades temos que:

3.1 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO MOBILIZADA

Em relação à unidade sentido metodologia do ensino da Ginástica identifiquei que os textos mencionados ora enfocam, ora não podem dar visibilidade à questão. São 5 os textos que claramente explicitam a discussão metodológica.

Verifiquei que Gama (2012), ao abordar a Ginástica e ética na escola, utiliza uma metodologia própria do grupo ginástico ProGin, a qual enfatiza ampliar o conhecimento corporal por meio de diferentes técnicas relacionadas à ginástica e a dança, esse entendimento sobre o corpo será estimulado por meio da

[...] criatividade, do pensamento crítico e da autonomia dos alunos/ginastas, o cultivo de uma convivência baseado nos princípios da cooperação, da benevolência e do altruísmo, e por fim, a criação e apresentação de espetáculos. (GAMA, 2012, p. 148)

Dada a especificidade da abordagem metodológica, foi identificado que em relação à metodologia este trabalho abordou fortemente a GG com esse viés de formação humana.

Já Almeida et al (2012), Ferreira et al (2015), Costa et al (2016) e Santos et al (2018) apontam que a metodologia de ensino adotada privilegia a investigação e problematização da Ginástica como um dos conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento. Essa abordagem também está presente nos documentos oficiais que compreendem as práticas corporais como práticas culturais e sociais, além de orientar, sistematizar, justificar e legitimar os conteúdos ministrados pela Educação Física. Em comum, estes textos argumentam a favor das diversas experiências que as aulas de Educação Física podem proporcionar, pois são essas experiências que possibilitam o contato com a cultura corporal, primando por experiências corporais formativas, promovendo um espaço de convivência, valores humanos e respeito entre os integrantes. Esse conjunto de estudos argumentam, ainda, sobre a importância da Educação Física como um espaço/tempo no qual os alunos possam compreender a ginástica geral como “fenômeno social e historicamente produzido pelo homem, constituindo-se como elemento da cultura corporal que deve ser vivenciado por todos.” (FERREIRA et al, 2015, p. 7)

Sendo assim, queixam-se do fato de a ginástica ser um conteúdo importante ao longo das séries e/ou anos da educação básica e que nem sempre é desenvolvido nas aulas de Educação Física. Tais estudos nos mostram que há uma brecha na formação de professores, já que, quando há, consideram que o modo como a Ginástica é abordada na formação inicial é, muitas vezes, inadequada. Essa questão é situada pois o conteúdo de ginástica ainda é predominado por uma visão esportivizada, assim como no senso comum, onde é difícil entender a ginástica fora do contexto midiático e esportivo que comumente nos é apresentado.

Nos outros 3 textos tive alguma dificuldade de observar uma discussão pertinente às metodologias de ensino, dado à natureza dos textos.

A pesquisa desenvolvida por Lima et al (2015) teve apoio nos documentos oficiais, dentre eles, o currículo do Estado de São Paulo, para verificar se a ginástica está inserida como conteúdo nas aulas de Educação Física. Os autores chegaram à conclusão que, quando há a inserção na escola, a ginástica carece de métodos de ensino adequados.

Também em pesquisa de caráter documental, Pizani et al (2015) procuram identificar as aproximações e/ou distanciamentos que as disciplinas gímnicas nos currículos dos cursos de Educação Física do Estado do Paraná mantém com as diretrizes que norteiam a educação básica. Após análise, chegaram à conclusão de que “existem relações entre os conteúdos programáticos, ementas, e objetivos das disciplinas com o preconizado nas Diretrizes Curriculares para a educação básica do estado do Paraná. Não há menção, entretanto, à abordagem metodológica que é sugerida para o trato da ginástica na escola.

Por fim, o artigo de Zaghi et al (2015), que buscou analisar as questões inseridas no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, sugere uma visão reducionista para o trato da Ginástica na escola, já que, a julgar pelo teor das questões, relacionam o tema da ginástica apenas com a problemática da saúde física. Segundo os autores, as questões do ENEM

...não elencaram e nem elevaram as possibilidades da ginástica e suas manifestações esportivas, [muito menos abordam] questões da ginástica e sua relação com a demonstração, [não havendo, também,] quaisquer referências à ginástica enquanto manifestação e identidade de uma cultura, de um povo, ou mesmo enquanto possibilidade de organização e identidade social. (Zaghi et al, 2015, p. 123)

Se o teor das questões do ENEM são indiciárias de uma forma de tratar ginástica na escola, certamente as questões propostas não são inspiradoras de metodologias criativas ou da tematização da Ginástica como um dos elementos da Cultura Corporal de Movimento.

3.2 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE O CONTEÚDO GINÁSTICA

Como já era de se esperar, todos os 8 trabalhos selecionados abordam o conteúdo de ginástica, porém, cada um deles explica qual o seu interesse em relação a essa temática. De modo geral, perspectiva-se a possibilidade de tratar a Ginástica

[...] independentemente da modalidade, uma prática diversificada, lúdica, desafiadora e segura. Capacitada para desenvolver integralmente as crianças e jovens, promovendo não apenas, à aprendizagem de habilidades específicas; mas uma manifestação da cultura corporal, que proporciona inserção social, criatividade, prazer pelo movimento e permiti-lhes de forma crítica intervir no seu bem-estar.” (COSTA et al., 2016, p. 80)

Sendo assim, tendo a ginástica como objetivo de estudo, os textos abordados se referem a ginástica de modos diferentes. Na qual, em um primeiro momento pensei que o conteúdo só iria ser voltado a GG e/ou GPT, todavia, tomando os trabalhos com uma leitura mais aprofundada, percebi que apenas 3 dos 8 textos dialogam sobre a GPT em seu caráter mais prático, onde o trabalho se concentrou na vivência deste conteúdo na escola.

O trato da ginástica na escola a partir da GG/GTP é inspirador de possibilidades pedagógicas por ser um conteúdo abrangente que pode dialogar com todas as ginásticas e até com outras práticas corporais. Ela permite adaptações e criatividade, o que de certa forma vai de encontro com a realidade das escolas. Dessa forma, concordo que

[...] a GPT permite que todas as demais práticas gímnicas estejam inseridas em seu conteúdo, além de outras manifestações corporais (danças, jogos, lutas, esportes, teatro, etc.) de forma integrada ao movimento ginástico (AYOUB, 2003; TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Desta forma, ao desenvolver a GPT, o professor pode, por exemplo, abordar as ginásticas de competição adaptando os equipamentos e as regras das modalidades à realidade do contexto escolar de forma que propicie a vivência de diversas práticas gímnicas a partir de princípios de inclusão, criatividade, prazer pela prática, dentre outros. (SANTOS et al., 2018, p. 461)

Os demais textos tratam a ginástica de modo a se pensar sobre quais os conhecimentos acerca da ginástica que devem ser ensinados em determinados ambientes como: formação inicial, formação continuada, determinada série e/ou ano da educação básica, grades curriculares, quais conteúdos da ginástica deve ser inserido no ENEM, entre outros apontamentos sobre a ginástica que se inserem de alguma forma no contexto escolar, o que nos remete a pensar nas diferentes

possibilidades que este conteúdo contempla, tanto por ser um dos primeiros conteúdos da Educação Física, quanto por não ser explorado e nem conhecido como uma manifestação cultural, na qual deveria ser mais vista nas escolas por poder contextualizar todas as outras ginásticas. Contudo, essas inquietações com relação a esse conteúdo, corrobora com a importância e necessidade de se (re) pensar a formação docente.

3.3 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE OS MATERIAIS (IN)DISPONÍVEIS NA ESCOLA

Nas conversas com os professores de Educação Física, é comum a falta de materiais ser um dos motivos apontados para o não desenvolvimento desse ou daquele conteúdo. Havia uma expectativa (minha) de que esse item aparecesse fortemente nos textos que abordam o ensino da Ginástica na escola. Isso acabou não acontecendo, tanto pela diversidade de abordagem dos textos selecionados, como porque, no caso da GG/GPT, a questão dos materiais se reduz bastante por motivos antagônicos: tanto porque é possível fazer composições coreográficas *sem* qualquer material como porque é possível fazer composições coreográficas *com* qualquer material - sacos de lixo, cabos de vassoura, sacolas plásticas, mochilas, latas...

Os textos apresentados neste trabalho tratam de diferentes situações referente a ginástica no contexto escolar, por este motivo nem todos os trabalhos abordam a demanda de materiais para o uso nas escolas, no caso, nas aulas de Educação Física. Para observar de modo mais ampliado a questão, considere então, para essa unidade de sentido os recursos pedagógicos que os autores utilizaram para fazer a coleta dos dados, a seleção do conteúdo e os materiais para ministrar as aulas.

No levantamento feito, dos 8 trabalhos no qual foram alvo de análise, 4 deles não apresentaram dados que expressassem esta unidade de sentido. Já 3 outros sugeriram um olhar ampliado para considerar como “materiais escolares” importante os documentos produzidos no exercício docente, a saber, os diários de aula, os planejamentos, os programas e as diretrizes curriculares - que serviram de fonte de estudo e cujo conhecimento e manuseio indicam formas de exercício profissional. Por

fim, 1 relato de experiência registra que utilizou-se de livros, filmes e músicas para planejamento de aulas e em sua execução fez o uso de datashow, notebook, colchões de contenção, colchonetes, cabos e fios conectores para aplicação das aulas. (FERREIRA et al., 2015).

Entretanto, esses recursos materiais não foram disponibilizados pela instituição escolar, e sim pelos integrantes do projeto que fizeram o que estava ao alcance para ministrar este conteúdo com maior segurança dos alunos. Os autores relatam que

A falta de material também se fez presente, a escola não disponibiliza todos os equipamentos que precisávamos, cabendo ao projeto suprir com essa escassez, adquirindo com recursos próprios notebook, colchões de contenção, colchonetes, cabos e fios conectores. Os espaços destinados à prática pedagógica também não eram adequados, pois estavam muito sujos e os/as alunos/as não queriam realizar as atividades com receio de se sujarem. (FERREIRA et al., 2015, p. 12)

Esse registro é significativo já que sinaliza que os problemas com materiais são concretos, do mesmo jeito que também é concreta a possibilidade de pensar alternativas para superá-los.

3.4 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE AS POSSIBILIDADES DO ENSINO DA GINÁSTICA NA ESCOLA

As possibilidades de ensino da ginástica apareceram em alguns trabalhos como relato de experiência, e em outros como justificativas de se possibilitar a vivência desse conteúdo nas aulas de educação física, bem como identificar os benefícios de se trabalhar com a ginástica para o desenvolvimento do aluno.

Dentre as possibilidades citadas, de modo geral, aparece a indicação que o trato da ginástica na escola sugere a elaboração de um planejamento, a ser materializado/desenvolvido metodologicamente pelo professor, a partir disso, cada educador segue o que está de acordo com suas necessidades e objetivos dentro do contexto escolar.

Diante do exposto, os textos estudados sinalizam que há algumas maneiras de se iniciar um conteúdo, das quais destaco 3 possibilidades:

- Apresentar e discutir o conceito do conteúdo, nesse caso a Ginástica e/ou a vertente escolhida, podendo relacionar com movimentos do dia-a-dia;
- Contextualizar o processo histórico, de suas origens até a contemporaneidade, esse modo de abordar o conteúdo também se dá presente com a vivência desse processo, no qual o aluno vai aprendendo com as etapas selecionadas pelo professor;
- Abordar temáticas cujo o conteúdo seja ministrado de forma lúdica, abordando histórias onde os personagens que nela se encontram possam despertar interesse nos alunos, permitindo que aconteça a assimilação que o aluno faz do personagem e do conteúdo, ou até mesmo que ele se identifique no personagem;

Essas possibilidades foram destacadas dos textos estudados e se adequam a diferentes contextos e propostas, cabendo ao professor identificar o melhor meio para conduzir a turma. Como mediador desse processo, o professor pode apostar em alguns recursos, como o vídeo, a imagem, ou até uma apresentação para que o aluno possa ver e se inspirar, ou mesmo para que ele possa ter uma noção de como pode ser o desenvolvimento das aulas.

Com isso, de modo processual, abre-se a possibilidade de inserir movimentos básicos característicos da ginástica e/ou de exploração das famílias gímnicas, pode ser também uma forma de motivar a aceitação dos alunos para com o conteúdo. Desse modo, ao se trabalhar com GG/GPT, os alunos conseguem

A partir de movimentos naturais básicos, como saltar, lançar, rolar, balançar, pendurar-se, equilibrar, girar, entre tantos outros; podemos introduzir o universo dos movimentos gímnicos no âmbito escolar. É através dessas vivências da Ginástica formativa - composta por exercícios generalizados e naturais conforme Bregolato - que as crianças desenvolveram naturalmente as chamadas qualidades físicas: resistência geral, coordenação motora,

velocidade, equilíbrio, força, flexibilidade e ritmo, além da criatividade, consciência corporal e autoestima. (COSTA et al., 2016, p. 84)

Portanto, vê-se a possibilidade de inserção da ginástica com movimentos simples do cotidiano, podendo também se valer de jogos e brincadeiras para inserir esses aspectos que a ginástica propõe para seu desenvolvimento, rompendo com a insegurança do aluno de tentar algo novo. Além disso, também foi visto o trabalho com o conteúdo de ginástica de forma descritiva, tanto para saber o que os alunos conhecem deste conteúdo, quanto para saber o que eles aprenderam com o conteúdo ministrado. Por conseguinte, das ginásticas de competição que comumente são mais vistas pelos alunos e professores, também houve trabalhos que exploraram essas vertentes que são a Ginástica Rítmica e a Artística, dessa forma os elementos da Ginástica Artística também se mostraram possíveis de serem explorados no contexto escolar, como nos mostram Costa et al (2016, p. 84):

[...] rolamento, estrela, ponte, parada de mãos, onde o corpo se encontra em posições e situações incomuns, estimulam os alunos a vencer as dificuldades do problema proposto, ter um melhor domínio do corpo, enfrentar situações ora seguras, ora “perigosas”; aguçar a atenção, emoção, concentração.

A Ginástica Rítmica (GR) também pode estar presente no contexto escolar. Ela amplia as possibilidades de experimentação quando à ela é somada a confecção de materiais; no caso, a bola, a maça, a fita, a corda e o arco; Esses “aparelhos” de manuseio da GR permitem explorar a imaginação e confeccionar os próprios materiais, mostrando ser uma boa opção para desenvolver este conteúdo nas aulas de Educação Física. Compreende-se que

Esse procedimento favorece a inventividade e enriquece o contexto educativo, além de ampliar o leque de opções de trabalho. Jornais, bexigas, tábuas, revistas, garrafas de plástico, pedaços de isopor, entre tantos outros, podem tornar-se um rico material pedagógico para o desenvolvimento das aulas de ginástica geral na escola. (COSTA et al., 2016, p. 84)

Essas foram as possibilidades encontradas nos textos selecionados para este trabalho, entretanto, sabemos que existem outras possibilidades, e dentre elas encontra-se na GG/GPT uma forma mais abrangente de se trabalhar este conteúdo, podendo englobar todas as ramificações da ginástica e experimentar o que cada uma tem e de acordo com o espaço e material que o professor e a escola têm para disponibilizar.

Por fim, também esteve presente em um dos trabalhos a composição coreográfica como forma de avaliação e também para exploração de conteúdo, com viés de saber o que os alunos mais gostaram e o que eles aprenderam com o conteúdo de ginástica, e em especial o desenvolvimento da coreografia, contou com a articulação do conteúdo de dança e teatro que muitas vezes é feito para alguma festividade da instituição escolar.

3.5 O QUE DIZEM OS TEXTOS SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS

Também aqui, não são todos os trabalhos que relatam as dificuldades encontradas para o trato da ginástica na escola. Mas essa temática também aparece e passo a elencá-las abaixo.

3.5.1. Dificuldades com relação a formação de professores

Uma das dificuldades citadas diz respeito à formação inicial. Segundo Zaghi et al (2015, p. 119), pesquisas indicam que no interior do Ceará os professores têm dificuldade de explicitar quais seriam os conhecimentos gímnicos a serem abordados sobre a ginástica na escola. Mais: afirmam que, naquela região, a ginástica é um conteúdo quase extinto na Educação Física escolar. Os professores justificam esse cenário como consequência do “conhecimento que possuem sobre ginástica [ser] insuficiente [e] não [possuírem] afinidade com o conteúdo.” (ZAGHI et al., 2015, p. 119)

A pesquisa de campo realizada por Costa et al (2016) reafirma esse quadro. Segundo as autoras, numa amostra de 14 professores escolhidos aleatoriamente em escolas municipais de Belém - PA,

[...] onze professores entrevistados que declararam que não trabalham com a Ginástica como conteúdo em suas aulas escolares, o principal motivo destacado pelo estudo é a inadequada ou insuficiente capacitação dos professores para ensinar este conteúdo. Os cursos de graduação não os prepararam para a realidade que estava esperando-os.” (COSTA et al., 2016, p. 90)

Já no estado do Paraná, examinando os currículos das universidades públicas, orientados pelas Diretrizes para Formação de Professores para atuar na Educação Básica, publicadas em 2002; e com as Diretrizes para a Formação em Educação Física, de 2004, Pizani et al (2015) concluíram que há indicadores de que a formação inicial em Licenciatura em Educação Física tem fornecido subsídios para o trabalho com a Ginástica na Educação Física Escolar. Mas, considerando que a formação se dá para além das instituições estudadas, chamam atenção para o:

[...] crescente aumento dos cursos de graduação em Educação Física nos últimos vinte anos. Esta ampliação deu-se de forma desordenada, já que, por um lado aumentou o acesso de muitos cidadãos ao ensino superior em Educação Física, mas por outro, parece ter diminuído a qualidade de formação dos profissionais. Haja vista que não houve planejamento nem tempo suficiente para organizar a formação dos professores, que passaram a fazer parte do corpo docente dessas instituições e que foram responsáveis pela recente reestruturação curricular pela qual passaram os cursos do nosso país... (Pizani et al, 2015, p. 61)

Além disso, observam que “os conteúdos trabalhados no ensino superior ainda não concretizam o trato com a ginástica no ambiente escolar, pois muitas vezes não abordam a ginástica sob um olhar pedagógico, que valoriza o ato de ensinar.” (PIZANI et al., 2015, p. 72)

Dentre outros indicadores, a valorização do “ato de ensinar” perpassa a competência técnica e pedagógica para cunhar projetos interessantes que se consolidam em planejamentos. Mas, como sinalizam Costa et al (2016), o ato de planejar como ação criativa do professor não parece estar em alta. O estudo desenvolvido aponta que

[...] o planejamento anual da disciplina de Educação Física Escolar é, às vezes, repetitivo, rotineiro, mecanizado e apoiado em atividades que o ambiente escolar proporciona indo muitas vezes na contramão das necessidades dos alunos; ou ainda fica apenas no papel, o que é pior. O ato de planejar muitas vezes é determinado por uma simples cópia do planejamento do ano anterior, sem ao menos, utilizar-se de uma literatura específica. (COSTA et al., 2016, p. 80)

Dessa forma, percebemos que a formação de professores, principalmente no que diz respeito à formação inicial, tem grande importância na forma como (não) prepara o licenciado para abordar a Ginástica na escola. Ao que parece, os professores mais antigos tendem a achar a Ginástica um conteúdo “velho”; os formados na década de 1990 podem tê-lo experienciado com abordagens reducionistas, sejam elas

esportivizadas ou apenas ligada à questão da saúde. Já os professores formados no século XXI, à luz das diretrizes que preparam para a atuação na Educação Básica, podem ter mais condições de fazer uma aproximação interessante com este conteúdo. Mas, para isso, (e não necessariamente só os formados no século XXI) os professores precisam se apropriar de referências que possibilitem criar sobre o conteúdo a ser ministrado, em especial, no caso, a Ginástica. É preciso buscar por novos conhecimentos e compartilhar experiências. O nosso campo de atuação é tão amplo e diverso, e, na escola, cabe a nós apresentar a riqueza da cultura corporal de movimento e das diferentes práticas corporais para o aluno. Porém, esse não é o caminho de uma só via, que parte do interesse do professor (esteja ele em formação inicial ou continuada). É preciso compromisso institucional, currículos adequados, políticas públicas que incentivem e garantam a formação continuada nas suas diferentes manifestações. É nesse contexto que se percebe as possibilidades de ensino, principalmente na ginástica, um conteúdo rico e como vimos, parece ainda pouco trabalhado e estruturado no ambiente escolar.

3.5.2. A infraestrutura das escolas em relação às aulas de Educação Física e a questão dos materiais

A falta de um local fixo e apropriado para as aulas de Educação Física é algo que há muito tempo vem sendo colocado como um empecilho no desenvolvimento de aulas com maior qualidade.

A revisão de literatura feita por Santos et. al. (2018) destaca essa dificuldade. Os autores sublinham que na bibliografia por eles consultada, os estudos

[...] apontam questões que dificultam o desenvolvimento da ginástica na realidade escolar, como adaptações de espaços, equipamentos e materiais, conteúdos por faixas etárias, impasses sobre gênero, níveis de habilidade; conteúdos que sejam relevantes para a formação humana do sujeito, etc.

Nos artigos que compõem o *corpus* documental da minha pesquisa, duas pesquisas de campo chamam atenção para a questão da infraestrutura e dos materiais. Ferreira et al. (2015, p. 12) informam que

Dentre as dificuldades encontradas no trato com o conteúdo GG destaca-se a indisponibilidade de recursos materiais como caixa de som, datashow e colchões de segurança (viabilizados com o recurso do PIBID, disciplinas curriculares e projeto de extensão e cultura vinculados ao curso de licenciatura em Educação Física da UFG/RC); a inviabilização dos espaços da escola, como o salão de dança e a sala de áudio visual; a organização do tempo pedagógico referente ao estado de greve em que se encontrava a escola, tanto em 2011 como em 2012, com paralisações quinzenais e/ou até mesmo semanais.” (FERREIRA et al., 2015, p. 12)

Essa dificuldade também foi encontrada na pesquisa desenvolvida por Costa et. al. (2016, p. 91), já que

Outro motivo exposto pelos professores entrevistados é a falta de espaço e materiais nas escolas, muitas vezes comprometendo a segurança dos alunos. Eles declararam que a quadra muitas vezes é dividida com mais professores/turmas, e o pior, as turmas têm um grande número de alunos, comprometendo a segurança deles, porque o professor sozinho não consegue aplicar uma atividade que há a necessidade de acompanhamento constante para cada aluno. (COSTA et al., 2016, p. 91)

Diante do exposto, percebemos no quanto um local adequado para as aulas de Educação Física é importante, assim como as demais disciplinas têm seu espaço propício para a melhor compreensão dos alunos. Desse modo, a inviabilização desse espaço pode comprometer o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Infelizmente é um problema muito comum e nós professores precisamos contornar essas situações de forma que nossos alunos não se prejudiquem.

Em relação ao material, principalmente no que tange as aulas de ginástica, acima de tudo precisamos nos ater a segurança dos alunos, por ser um conteúdo desafiador e que engloba diferentes ações motoras, é necessária uma organização que para além do uso ou não de materiais, venha a ser uma vivência que passe segurança para os mesmos. A GPT favorece a criatividade nas aulas de ginástica, onde um pano, uma sacola, entre outros objetos possam virar o material das aulas de ginásticas, além disso, a confecção de materiais também é uma possibilidade muito rica para as aulas.

3.5.3. O (des) interesse dos alunos com o conteúdo de Ginástica

Outra dificuldade mencionada diz respeito à resistência dos alunos. A experiência do PIBID/EF/UFG se deparou com ela em diferentes turmas. Relatam os autores que “no início apresentamos aos/as alunos/as a GG como o conteúdo a ser trabalhado. A

princípio muitos/as alunos/as tiveram resistência” (FERREIRA et al., 2015, p. 11). Já em outra turma

As dificuldades encontradas com o trabalho de GG nas turmas de 6° e 7° anos foram similares, sendo que já no primeiro contato com o conteúdo, os/as alunos/as não demonstraram aceitação, deixando evidente a predominância do interesse pelo esporte.” (FERREIRA et al., 2015, p. 12)

E, ainda,

Inicialmente, ao apresentarmos o novo conteúdo, percebemos a manifestação de rejeição por parte dos/as alunos/as; no entanto já sabíamos que a maioria deles/as não teve contato (anterior) com este conteúdo nas aulas de Educação Física.” (FERREIRA et al., 2015, p. 13)

Não ter tido contato anterior com esse conteúdo pode favorecer a rejeição; mas o contato anterior, também. Lima et. al. (2015, p. 35) consideram que “a redução dos conteúdos ginásticos em alongamentos, apoios, corridas e abdominais pode ser um dos motivos das crianças terem detestado aulas de Ginástica”. E o problema parece não ser só com as crianças.... Com os adolescentes, a rejeição aparece e se materializa de outra forma. COSTA et al. (2016, p. 90) informam que, na pesquisa que desenvolveram,

[...] três professores de Educação Física foram unânimes em relatar a dificuldade de trabalhar o conteúdo da Ginástica com os alunos, especialmente com os anos finais do Ensino Fundamental, alegando que a falta de respeito dos alunos, o sedentarismo e o desinteresse pela atividade física são as principais dificuldades encontradas.

Segundo os textos estudados, essa resistência tem aparecido com maior frequência. Somam-se aos fatores que colabora com o aparecimento dessa resistência, como citado por Ferreira et al (2015), é a inadequação e mesmo a inviabilização dos espaços na escola para as aulas de Educação Física, como apontado no subitem anterior.

O desinteresse dos alunos com relação às aulas é um ponto preocupante, pois uma parte é um reflexo da sociedade em que vivemos, a falta de respeito dos alunos para com a escola vem crescendo, porém, diante desses casos é onde precisamos mostrar para os alunos o porquê se aprende determinados conteúdos e contextualizar as nossas práticas, para que ela de fato, propicie momentos formativos.

Das dificuldades encontradas, talvez essa seja uma mais palpáveis para ser contornada pelo próprio trabalho pedagógico do professor. Os pibidianos da UFG relatam que, a dificuldade inicial foi superada com “cada professor/a (bolsista PIBID) usando o repertório construído no percurso da experiência, procurou realizar a mediação adequada considerando as exigências e necessidades de cada turma.” (FERREIRA et al., 2015, p. 11)

Nessa direção também caminha os apontamentos de Lima et. al. (2015, p.35) considerando que

[...] mais importante do que os conteúdos ensinados são os métodos e as estratégias de ensino, que vão modificar completamente a forma como os alunos e alunas enxergarão os conteúdos. Mesmo corridas, alongamentos, apoios e abdominais podem ser apresentados com estratégias lúdicas e adequadas às crianças.

Contornando essas situações, abre-se a possibilidade de a Ginástica na escola ser tematizada de modo a enriquecer a formação cultural dos alunos. A relação com os conteúdos mais voltados para o esporte coletivo vai em direção ao que eles já conhecem, as aulas de ginástica tiram os alunos da zona de conforto, fazendo com que experimentem situações tanto que estão inseridas no seu cotidiano, quanto situações que talvez nunca tenham visto. Então, há que se ressignificar as práticas.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse capítulo foi elaborado na intenção de indicar questões para ampliar o debate aqui realizado.

Esse foi um estudo bibliográfico, documental e descritivo, de abordagem qualitativa por meio da análise de conteúdo, que buscou identificar e comentar as dificuldades encontradas por professores ao ensinar ginástica na escola. Essa questão é importante para mim já que na minha experiência pessoal como aluna fui privada de conhecer esta prática corporal na Educação Física curricular.

Para enfrentar esse tema analisei experiências desenvolvidas na escola, publicadas na Revista Conexões e oriundas de apresentações no Fórum Internacional de Ginástica Para Todos. Esse evento tem grande responsabilidade na disseminação do ensino da ginástica no Brasil e congrega, de dois em dois anos, estudantes, professores, pesquisadores e praticantes da área.

Com os devidos recortes e apoiada nas orientações de Bardin (2011), analisei 8 textos que compuseram o *corpus* documental da pesquisa.

A princípio foi perceptível que, os textos analisados mostraram uma preocupação muito grande no trato com a Ginástica. Essa preocupação parte dos primórdios da ginástica, com fins militaristas, ao mesmo tempo que se entrelaça com práticas oriundas da cultura de rua (funambulismo, acrobacias equestres, entre outras) e, processualmente é incorporada nas escolas como sinônimo de Educação Física. Aos poucos, ela vai se firmando como prática corporal de modo a se tornar um conteúdo pertencente a uma área do conhecimento que corrobora com o ensino-aprendizagem destinado na educação básica.

Em todo esse processo, a Ginástica, além de se pautar em suas diferentes dimensões e especificidades, ela também é muito questionada em seu trato pedagógico, pois verificou-se que, mesmo quando há a inserção da ginástica na escola, em algumas

situações ela carece de métodos e estratégias para conseguir transpor o conhecimento para o aluno.

Os trabalhos analisados abordam diferentes diálogos referente a ginástica, com isso, cada texto contempla objetivos distintos, ainda que compartilhem a compreensão de que a Ginástica para todos é uma rica possibilidade, temática e metodológica, de abordar a Ginástica na escola. Cada trabalho se baseou em uma forma de estudar e analisar o que vem ocorrendo com a ginástica em diferentes estados, cidades e escolas. Como dito acima, há uma preocupação muito grande ao redor desse conteúdo na formação escolar, entretanto, apesar de serem distintos em relação a temática da ginástica, os textos ora se complementam, ora se questionam das mesmas situações e se comprometem com o objeto de estudo, a ginástica. O estudo inferiu como unidades temáticas compartilhadas apontamentos e reflexões sobre metodologia, conteúdos, materiais, possibilidades e dificuldades encontradas.

Em relação a essa última unidade, que era a preocupação central do estudo, pude identificar que elas dizem respeito a 3 pontos mais centrais, que é a formação de professores, a infraestrutura das escolas e a negação dos alunos em relação ao conteúdo. Sendo assim, percebeu-se que as dificuldades encontradas nos textos analisados algumas são questões antigas que ainda acontecem e outras são demandas mais atuais, na qual esse trabalho teve o intuito de mapear e apontá-las para que algo seja pensado e demandado após o aparecimento dessas incógnitas, pois, tais demandas serão necessárias para que este conteúdo de grande valia seja sistematizado da melhor forma nas escolas, agregando seu valor na formação de todos (as)!

Para finalizar esta pesquisa, venho indicar um autor que versa sobre a experiência, no caso, o que me fez buscar essa temática da ginástica na escola, dessa forma:

[...] “Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”, pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LARROSA, 2002, p.25)

Sendo assim, desenvolver essa pesquisa, foi fazer um tour nas minhas experiências e alimentar uma vontade e desejo que se despertou na infância, onde no meu processo de formação busquei sanar algumas dúvidas, e com isso resolvi mapear, identificar e refletir sobre as problemáticas encontradas ao ministrar o conteúdo de ginástica na escola. E foi com base nessa experiência que pude perceber meu desenvolvimento pessoal e profissional, enxergando a contribuição desse trabalho em todas as experiências anteriores e dando um novo olhar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Roseane Soares et al.,. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. Especial, p. 98-114, dez. 2012.
- BARDIN, Laurence: Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
- COSTA, Andrize Ramires et al.,. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, SP v. 14 n. 4 p. 76-96 out./dez. 2016
- FERREIRA, Andreia Cristina Peixoto et al.,. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. especial, p. 1-26, maio. 2015.
- GAMA, Leonardo Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. Especial, p. 144-161, dez. 2012.
- GIL, Antônio Carlos: Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- Fórum GTP: disponível em: <<https://www.forumgpt.com/2020/sobre#apresentacao>> acesso em: 31/07/20
- LARROSA, Jorge Bondía Revista Brasileira de Educação, Universidade Estadual de Campinas - SP, Departamento de Lingüística, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19
- LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz et al.,. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. especial, p. 27-38, maio 2015.
- OLIVEIRA, Eliana et al., Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003.
- PIZANI, Juliana et al.,. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. especial, p. 58-76, maio 2015.
- REVISTA CONEXÕES: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/issue/archive>>. Acesso em: Agosto/2020.
- SANTOS, Thyago Thacyano de Souza et al.,. Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 16, n. 4, p. 450-467, out./dez. 2018
- ZAGHI, Flávio et al.,. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. especial, p. 115-126, maio 2015.